

O encontro impensável da fé e da razão

Lou Andreas-Salomé e Sigmund Freud

No Instituto Francês de Viena, em 14 de junho de 2003
(Colóquio: “Freud e Viena”)

“Desde que no último outono □ pude assistir no Congresso de Weimar □ o estudo da psicanálise me assombra sem cessar e quanto mais nela me aprofundo, mais ela me torna cativa.”¹

É assim que, em 27 de setembro de 1912, de sua casa de Göttingen, Lou interpela o inventor da psicanálise.

Em maio de 1936, é ele que se endereça a ela:

“O que lhe escrever?... Mais uma vez, o que lhe dizer? Somente que me ressinto do fato de que em cada uma de suas cartas a senhora fale tão pouco de si mesma.”

Ela não lhe responderá.

Um pouco mais de seis meses mais tarde, Freud toma conhecimento de que ela morreu serenamente. O elogio fúnebre² que ele escreveu em Viena está à altura dela. Citemos o que nos parece essencial para nosso desenvolvimento:

□ seu lugar como analista:

“Os últimos vinte e cinco anos dessa mulher extraordinária foram consagrados à psicanálise que ela praticou e à qual trouxe uma contribuição científica de grande valor.”

□ os dois encontros que marcaram seu destino:

“Sua intensa amizade com Friedrich Nietzsche ... baseada numa compreensão profunda da visão penetrante do filósofo ... ela foi simultaneamente a musa e a mãe atenta do grande poeta Rainer Maria Rilke.”

□ o que se sabia dessa grande dama³ a quem sua filha Anna estava ligada:

“Sua personalidade habita a sombra. Ela era de uma de uma modéstia e de uma discrição pouco comuns. Jamais falava de sua própria produção poética e literária.”

□ o que ela representava, quando se declara uma concepção de mulher fechada em si mesma, sem relação com a falta que a tornaria desejante:

“Quem quer que se aproximasse dela ficava fortemente impressionado pela sinceridade e pela harmonia de seu ser e se dava conta, com estupefação, de que todas as fraquezas

¹ Lou Andreas-Salomé, *Correspondances avec Sigmund Freud*, NRF, Éditions Gallimard, p. 11. As cartas citadas posteriormente estão nesta obra.

² *Ibid.*, p. 458.

³ Carta de 8 de maio de 1932.

femininas, e talvez a maior parte das fraquezas humanas, lhe eram estranhas ou que ela lhes havia superado no decorrer de sua vida.”

Não é isso, não⁴

Eles ficaram sem se corresponder durante quase vinte e quatro anos, se as coisas se passaram como Freud sustenta publicamente. Algumas palavras saídas da própria lavra de Freud, levam a outro lugar:

“Como manifestara, ela sabia onde procurar os verdadeiros valores da vida.”

Propomos deixar-nos conduzir por esse saber enigmático.

Num primeiro momento, examinaremos o limite da transferência quando do encontro deles em Viena.

Em seguida, estabeleceremos em que medida os encontros de Nietzsche e Rilke estão ainda presentes na transferência que se desenvolve.

Terminaremos com o que pôde, repentinamente, ser “tocado” **de Freud nela, discreta e secretamente**. Lou, enunciando para seu 75º aniversário o que ele não sabia que sabia dela, mas, sobretudo, o que, **dele, ela dava a entender, além da fantasia**. Formulação enigmática, porque ressalta tanto a pura significação quanto a significância.

Em Viena

Lou realizou uma entrada notável na cena psicanalítica: não espera a resposta de Freud cuja inteligência Karl Abraham subjugado louva. Dirige-se diretamente ao Mestre e anuncia o tom:

*“O estudo da psicanálise me assombra sem cessar e quanto mais me aprofundo, mais ela me cativa”*⁵

Esta formulação é muito pertinente porque significa que a psicanálise parte do desaparecimento dos limites entre dentro e fora. Será que ela já conhece o efeito da abertura daí resultante?⁶

Ela dirá mais tarde, quando Freud não estava sendo apreciado em seu justo valor⁷, que os pensadores brilhantes que já encontrara, e ela os conhece, ficavam bem atrás, longe de Freud, porque não puderam partir dessa falha para pensar a partir de seu só-depois.

Ela se fia em Freud porque ele é o único, em sua opinião, a ter podido apreender esta virada⁸ do inesperado. Ela percebeu que ele não fica a serviço da razão e de seus limites, mas que pôs a razão a serviço da descoberta do abismo humano.

Para ela que, aos cinquenta anos, conhecia um bocado do amor e suas vicissitudes⁹, isto é da ordem do *jamaís visto*.

⁴ Assim que Freud pôde nomear o objeto-causa do desejo (a), notadamente em 15 de maio de 1973, “Seminário *Encore*).

⁵ Carta de 27 de setembro de 1912.

⁶ Ela tem origem em “A denegação”, escrita em 1925, quando Freud diferencia o dentro, aceitável porque é considerado “bom”, e o fora, posto fora porque é considerado “mau”.

⁷ Carta de 14 de julho de 1929.

⁸ Que faz pensar na “virada” mencionada por Lacan na Proposição de 9 de outubro de 1967.

⁹ Lou Andreas-Salomé, *Eros*, Les Éditions de Minuit.

Será que ela ouviu, no recente Congresso de Weimar, da boca do próprio Freud, quando ele retomou seu estudo sobre o Presidente Schreber?¹⁰

Ela foi aceita, ela poderá participar “das sessões de quarta-feira”.

O olhar de Freud

Ela decide passar o inverno de 1912-13 em Viena para se iniciar.

Até então, tomou a medida do olhar lançado sobre ela pelas Celebidades. Ela foi inclusive levada a ignorar aqueles e aquelas que a mantinham sob vigilância.

Ela pede um olhar de Freud que lhe permite tomar a palavra. Um mal-entendido se instala. Sua presença não só atrai seu olhar, o que ela deseja, como sua não-presença a torna mais presente ainda, a ponto de ele não conseguir deixar de “*fitar fascinado o lugar vazio*”¹¹ onde ela brilha por sua ausência.

É demais, ela decide deixar claro o que ela espera dele. Será que ele teria a intuição inconsciente de que o “*ponto de fixação*” onde o mestre se mantém é também o ponto em que ele poderia mantê-la¹²? O que ela sabe é que ela não quer uma relação que a enclausurasse.

Tendo sido suportados os limites do narcisismo¹³, ela aborda com ele a razão do tempo livre que ele lhe concede. Ela gostaria de estar certa de que ele não obedece a *nenhum sentimento convencional*, mas, sobretudo, porque há um temor que a invadiu na véspera, ela não quer que suas próprias relações com ela *sob outro ângulo*¹⁴ senão aquele de um olhar que lhe dá reconhecimento, além da prisão narcísica.

Será que ela já o pressentia, sem pensar, quando do início de sua estada em Viena, um pouco mais de três meses antes, ela havia inaugurado o tom sério da correspondência entre eles, escrevendo-lhe a primeira longa carta pontuada pelo seu interesse comum, **a sublimação?**

Será que ele teria esquecido o que ela avançara com audácia nessa direção?

“*creio (também) que o que chamamos sublimação não é (não mais) um produto da cultura nem um simples e gradual afastamento do sexual e aproximação ao espiritual, mas que sempre esteve presente sob a forma de um prolífico equilíbrio dos dois... A sublimação ... pode ser uma palavra... para indicar que os dois fazem criativamente um par.*”

Será que ele só guardou na memória as gentilezas prudentes no fim desta carta?

“*Mas não posso escrever mais sobre isso. Isso já está longo demais: isso só se dará raramente e será breve, se o senhor tiver a bondade de me permitir.*”¹⁵

A “*delicadeza feminina*”¹⁶, o “*indestrutível*”¹⁷ o reconduz ao saber justo da transferência.

¹⁰ Freud lá comunica um *post-scriptum* para o caso de Schreber publicado em 1911, mencionando que o sol fala uma linguagem humana a Schreber, poder que os naturalistas da Antiguidade atribuíam à águia. Podemos supor que Lou entendeu a importância daquilo que vem do Outro como primeiro tempo para que advenha do Sujeito do inconsciente e que esse saber participa do que a “*assombra*”.

¹¹ Carta de 10 de novembro de 1912.

¹² Aqui há um jogo de palavras não traduzível em português: o verbo “manter”, *maintenir*, está escrito no original francês com hífen, *main-tenir*, ressaltando dois aspectos: Freud lhe “daria a mão” [*main*], a ajudava; e conservaria [*tenir*] a presença de Lou naquele “ponto de fixação” nas sessões de quarta-feira. N. T.

¹³ Antes que Freud o teorize em 1915.

¹⁴ Carta de 27 de fevereiro de 1913.

¹⁵ Carta de 9 de novembro de 1912.

¹⁶ Carta de 9 de maio de 1931.

¹⁷ Carta de 31 de janeiro de 1915.

“Seja bela e cale-se”¹⁸

Mas como será que ela sabe, esta “*Perceptiva por excelência*”¹⁹, que tudo leva o homem e a mulher a obedecer o mandamento superegóico: “*Seja bela e cale-se*”? Como será que ela sabe que só teria de calar a boca se ela não fosse o que ele parece dizer que ela é, “*um olhar como se fosse Natal*”; em suma, uma bela coisa para olhar?

Como todo humano e em virtude da fantasia, ou seja, do poder do Outro que olha sem entender, Freud é levado para esse lado. Ela vai conduzi-lo para outro lugar, ao enigmático ponto de “sublimação”, criação que se substitui à clivagem da pulsão escópica e da pulsão invocante, no momento em que o Outro não é um olho que imobiliza o que vê porque se torna um olhar que ouve o que se **faz ver**²⁰. Agora a palavra pode ser tomada.

É inacreditável... ainda que ela esteja à espera de um saber de Freud, é ela que o precede por meio de seu saber inconsciente,. Sem saber, ela já está na direção do originário tal como a psicanálise permite percebê-lo com Lacan, no fim da análise, quando ele pergunta, em 24 de junho de 1964:

*Como será que um sujeito que atravessou a fantasia radical poderá viver a pulsão? Isto está além da análise e jamais foi abordado.*²¹

Tudo concorria para que o encontro deles os paralisasse. Não foi assim. Supomos que alguma coisa de Freud que ele não pode pensar porque está além das palavras, chamemo-la **sua música**²², surgiu à sua revelia na musa que ela terá sido secretamente para o inventor da psicanálise.

Em que medida o saber vigilante de Nietzsche que imobiliza e para o qual ela se volta deu-lhe algum aviso? Em que medida o olhar de Rilke, que ouve o que dá na vista, comemorou o movimento pulsional? É o que examinaremos agora.

A “visão penetrante” de Nietzsche

Freud tem razão, o olhar de Nietzsche é forte demais. Ela escreveu a Paul Rée em 21 de agosto de 1882, ainda que o tenha suportado durante dez horas por dia e durante três semanas:

*“Ele não busca instruir, mas converter”.*²³

Pela intervenção de seu intermediário, ela encontrara o mandamento superegóico do Outro vigilante: “*Seja bela e cale-se*”? Teria ela o deixado porque ela teve a intuição de que ele não a poderia ouvir? De que adianta se dirigir a um surdo?...

¹⁸ Ler a importância transferencial deste mandamento do livro de Alain Didier-Weill: *Lila et la lumière de Vermeer*, Denoël, 2003.

¹⁹ Carta de 25 de maio de 1916.

²⁰ Reporte-se a meu texto “*La pulsion invocante*”, www.insistance.asso.fr, ou nos Atos do Colóquio de Convergência de janeiro de 2003, a sair

²¹ J. Lacan, Séminaire *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Seuil, p. 246.

²² O que ressoa nele como movimento pulsional. Voltaremos a isso a propósito da dança com Lou.

²³ *Correspondance, Friedrich Nietzsche-Paul Rée-Lou Andreas-Salomé*, PUF, Quadrige, 2001, p. 158.

Em 1894, presumindo que ela tivesse tomado uma boa distância, pensa que lançando luz sobre Nietzsche, que conhece particularmente bem, ela acabará com esse olhar. Redige *Friedrich Nietzsche à travers ses œuvres* [“Friedrich Nietzsche através de suas obras”].²⁴

Descobrirá que não é tão simples. Em resposta ao desejo de Arnold Zweig, transmitido por Freud, de “*decifrar e apresentar um Nietzsche*” com sua participação, ela confessa a Freud em 20 de maio de 1934:

“*para mim, isto é intocável; rejeito a idéia com pavor. Suplico que diga isso a quem de direito, com a maior energia, e para sempre*”.

Ela confessa que o distanciamento não funcionou. Podemos supor que permanece presente, em 1934, a cumplicidade inconsciente que a impediu de recorrer a Nietzsche em 1882. Ela participou inconscientemente da manutenção da presença excessivamente presente de Nietzsche.

Inconscientemente, ela se ateu a guardar este olhar que ainda a mantém à vista em 1934.

Será que esse saber vigilante de poder imobilizante que retorna no momento de seu encontro com Freud, na morte de sua mãe, “a doce Mouchka”, de sua amiga Frieda von Bülow em 1911 e do suicídio de seu irmão Alexandre um pouco depois, terá podido fragilizar os limites que lhe permitiam *se* guardar deste olho colocado bem ali, a uma boa distância? É possível.

O olhar de Freud sobre o papel da “*visão penetrante do filósofo*”²⁵ tinha percebido bem, mas não levou em conta a participação inconsciente de Lou. Qual terá podido ser a participação desse inconsciente?

Será que ela evitou que Freud, por sua vez, se retirasse? Não é impossível.

O que quer que seja, o fato de inconscientemente ela não ser inocente poderia ser o que a “assombra” e como Freud não pôde conceber essa hipótese, ela pode apelar a este tribunal singular da palavra que é a psicanálise para dela dar conta.

Ela pode fazer isso porque não sabe que estava exposta para Freud. O dom indispensável da transferência não é nada para ela. Ela o descobriu quando era criança. Ela o torna público tardiamente, por volta dos anos 1930, com o nome de “*experiência de Deus*”²⁶. De fato, sua lembrança já tinha a ele retornado quando ela estava sob o olhar que tudo vê de Nietzsche, na casa dele, em agosto de 1882, no momento em que ele precisava escrever a seu confidente Paul Rée:

“*De repente, a descrença apoderou-se de meu coração, ou antes, de meu espírito*”.²⁷

Depois, ela diz que do movimento originado silenciosamente da falha de saber do Outro que o novo advém. Ela confia nesse recém-chegado que é o espírito laico.

²⁴ Lou Andreas-Salomé, *Friedrich Nietzsche à travers ses œuvres*, Les Cahiers Rouges, Grasset.

²⁵ Será talvez que o mesmo olhar o tenha mantido a uma boa distância de Nietzsche bem antes de encontrar Lou?

²⁶ Lou Andreas-Salomé, *L'expérience de Dieu, ma vie*, pp. 7-73.

²⁷ *Correspondence, Friedrich Nietzsche-Paul Rée-Lou Andreas Salomé*, PUF, Quadrige, 2001, p. 159.

“A experiência de Deus”

O saber sobre a falta se lhe dá no momento em que Deus, que tudo sabe para a criança que ela é, é surpreendido por falha de nomeação. Aos sete anos, siderada, ela descobriu, que Deus não sabia tudo porque não sabia o nome de “Senhor e Senhora Neve”.

É um achado, o único que vale, esse furo no saber do Outro porque é a primeira vez que ela pode saber no ponto em que o Outro não sabe. A realidade abre sua porta e ela lhe fala no silêncio:

“Essa característica infantil da perda de Deus teve seu lado positivo de também me fazer penetrar definitivamente na vida da realidade à minha volta... para mim, acima de tudo, resultou daí de ter conhecido o que foi mais positivo em minha vida: uma sensação fundamental de insondável comunidade de destino com tudo aquilo que é.”²⁸

Essa declaração, escrita no momento em que redige suas memórias, por volta dos anos 1930, é totalmente um programa, visto que aí ela abordou o desaparecimento das fronteiras que separam o fora e o dentro em benefício do recém-chegado, **fluidéz** que leva a outro lugar. Saída, portanto, do dualismo caro ao pensamento que separa a fé e a razão...

Estamos em 1931. Isso não é tão evidente em 1912. Uma pergunta se coloca: em que medida Freud já não sabia que ele sabia, aceitando-a como interlocutora que se colocava numa direção para além desse dualismo, na perspectiva de uma relação mística²⁹ laica com o Outro e que ele deveria, por sua vez, responder a isso como psicanalista?³⁰

O poeta Rainer Maria Rilke lhe havia confirmado a presença dessa relação mística.

Com Rainer

Depois da convivência com Rainer, ela sabe que há um exterior radical de onde um apelo silencioso pode ser ouvido por um receptor voltado para essa direção. Com Lacan, podemos adiantar que ela sabe que há um real que fala antes de se fazer ouvir pelas orelhas. Seu apelo incessante na comunidade analítica a um outro narcisismo diferente do narcisismo instituído é a forma que encontro para dizer isso.

Rainer lhe escreveu as “coisas” impensáveis, notadamente em 8 de agosto de 1903³¹:

“Sozinhas as coisas me falam. As coisas de Rodin, aquelas que se vêem nas catedrais góticas, as coisas da Antigüidade”.

²⁸ *Ibid.*, p. 21-22.

²⁹ Neste ponto, insistimos no silêncio, o fora da Palavra, ou antes, o tempo que precede o surgimento da palavra.

³⁰ Seu trabalho sobre “o feminino” e sobre a “sexualidade feminina” pode ser uma tentativa de responder. Voltaremos a isso mais tarde.

³¹ Rainer Maria Rilke, Lou Andreas-Salomé, *Correspondence*. Gallimard, NRF, 2001. p. 88.

A forma das coisas esculpidas pelas mãos de Rodin a partir da matéria informe dá a resposta às questões que ele se coloca. As outras respostas, que venham de seus amigos, nele não encontram ecos, como se nelas faltasse “um não sei o quê”.³², que escapa aos limites do verbo, sopra inapreensível... O que se passa com Rainer silenciosamente, e que ela recolhe, é que há uma linguagem antes das palavras na qual se deve confiar, porque a matéria lhe transcende.

Esse tempo fora da palavra, o “das coisas”, é onipresente em Rainer. Ela recebe sua presença e a transmite a seu emissor que pode então hospedá-lo. Ele os aproxima e os estende. Ela aí se mantém³³. Na verdade, ela sempre o tomou como amor autêntico. Porque ele é levado por esse movimento, ela resume que ele está ligado ao sopra do espírito. É o tempo de toda a criação. Ela presenteia Freud com seu achado em seu 75º aniversário:

*“Aquele que se faz criador de sua criatura e que, neste ato, libera sua energia espiritual produtiva, a fé admite um dom especial, ainda que não pudesse torná-lo a prática de uma prece atendida”.*³⁴

Em outros tempos, tal heresia sobre o criador conduziria diretamente à fogueira.

Ela ousa avançar que o criador não criou à sua imagem a criatura como seu objeto, mas que o movimento do espírito obra para permitir a passagem da obra ao estatuto subjetivo de criador³⁵. Ela lembra Freud do inestimável valor criador de *dritte Person* [“terceira pessoa”] do chiste, seu movimento e o sopra que repentinamente une o Outro e o Sujeito; ela extirpa da descoberta freudiana qualquer religiosidade.

Freud aplaude:

*“Da senhora, é o que li de mais belo, uma prova involuntária de sua superioridade sobre nós todos³⁶, correspondente aos cumes dos quais desceu para vir até nós”.*³⁷

Mas será que Freud já não teria encontrado o movimento desse espírito laico do criador no criador que é Leonardo da Vinci que entra na correspondência deles em 9 de fevereiro de 1919, da própria lavra de Freud, como uma autêntica obra de arte: “Leonardo, a única coisa bela que escrevi”?

³² Quem aproxima o artista das *Preciosas*, que só se interessava pela “arte da conversação”? No início do século XVII, no Hotel Rambouillet, aparece um discurso que não é estabelecido pelo verbo, mas pelo espírito laico. São as mulheres, Madame de Rambouillet é uma das mais espirituosas, que o sustentam. Lou, em sua relação ao que ultrapassa as palavras com as quais ela reconhece ter dificuldade, está muito próxima desse movimento próprio ao espírito que ela encontra numa relação mística com a natureza.. Presumimos que ela encontra o movimento nas propostas de Freud, sem que ele saiba, salvo por lhe render homenagem depois de ela o ter nomeado. (Cf. depois, “Remerciements à Freud de Lou et la réponse de Freud”) [“Agradecimentos de Lou a Freud e a resposta de Freud”].

³³ O mesmo movimento anima Freud em sua última carta, já citada, de maio de 1936: “O que lhe escrever? ... *Mais uma vez, o que lhe dizer? Somente que me ressinto do fato de que em cada uma de suas cartas a senhora fale tão pouco de si mesma.*” Ele a entendeu.

³⁴ “Carta aberta a Freud” [“Lettre ouverte à Freud”], p. 87.

³⁵ Estamos além dos dogmas da religião cristã, notadamente o da Santíssima Trindade, no qual o criador, o Pai, está unido consubstancialmente a sua criatura, o Filho, que é “sua” palavra encarnada, e o Espírito Santo que é aquele que consolida o liame.

³⁶ Nós, os pensadores, acrescentemos.

³⁷ Carta de 10 de julho de 1931.

Leonardo, a única coisa bela que escrevi

Leonardo da Vinci é um encontro muito importante para o inventor que é também Freud.

Freud parte de uma questão que é a sua, em Viena:

“O que escapa da personalidade de Leonardo da Vinci à compreensão de seus contemporâneos?”

E vai até aquele que não autoriza a invenção, a interdição paterna. É como filho ilegítimo □ Leonardo não foi intimidado pelo pai em sua busca pela mãe □ que encontrou

“a coragem de ser o primeiro, desde os gregos, que ousou tocar no segredo da natureza, munido unicamente de sua observação e de seu julgamento.

*Mas quando ensinava a desdenhar a autoridade e a rejeitar a imitação dos “Antigos” e sem cessar designava o estudo da natureza como a origem de toda verdade, não fazia mais que reproduzir, do modo da mais elevada sublimação que possa esperar o homem, a atitude que já havia tido em criança e que lhe era imposta já que ele se abria sobre mundo dos olhos surpresos”.*³⁸

A relação de Leonardo com a Natureza é muito próxima *“da sensação fundamental de comunidade insondável de destino com tudo o que é”* que acontece com Lou depois da *“experiência de Deus”*.

Em 1910, Freud descobre que Leonardo articula *“a mais elevada sublimação”* ao olhar admirado e aquiescente do valor criador desse espanto. Mas por que será que Freud não segue Leonardo, logo ele que rejeitou *“a imitação dos Antigos”* e, portanto, a fixidez do olhar grego, já que se trata de abordar a invenção que é humana a partir da relação entre *Anankè*, *“a Necessidade”*, e *Logos*?

Sem dúvida, porque se encontra em dificuldade de trazer ao mundo um olhar diferente daquele que trouxe o milagre grego. O problema é que o olhar do homem grego está fixado e fixado anteriormente, dirigido ao fixo que são seus ídolos, imóveis e surdos.

De fato, a companhia de Leonardo permite que se possa dar sentido à dilaceração de Freud entre o mandamento superegóico do objeto olhar herdado dos Gregos que imobiliza no silêncio do *“Seja bela e cale-se”* e o movimento pulsional de se dirigir para o espanto originário do olhar da criança.

Para resolver essa tensão, seu pensamento o reconduz à fixidez do olhar dos *“Antigos”*, os gregos, que opuseram irreduzivelmente *Anankè*, a *“Necessidade”*, as leis da Natureza, e *Logos*, a lei ligada ao verbo que realiza progressivamente aquilo que a necessidade encontra.³⁹

Em 1910, o que Freud não pode admitir é que exista uma outra relação com a *Necessidade*, diferente da dificuldade impessoal propalada pelo pensamento grego, já que existe aquilo que não pára de clamar Leonardo, o amor da *Necessidade*: *“Ó, admirável necessidade”*.

Ele não se esquece disso, mas não consente nisso. Será que isso é inesquecível?

³⁸ Sigmund Freud, “Un souvenir d’enfance de Léonard de Vinci” [“Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci”]. Idées, Gallimard, 1977, p. 123.

³⁹ Sigmund Freud, “L’avenir d’une illusion” [“O futuro de uma ilusão”], PUF, p. 77.

A parte feminina do humano

O que é estranho é que justamente no momento em que Freud acaba de expor, a partir de Leonardo, seus próprios limites com as leis exigentes da *Necessidade*, que Lou, que conhece um bocado sobre a *Necessidade* como relação à Natureza, lhe pergunta se ela pode ascender à cena da psicanálise.

Ela vem na direção do inventor da psicanálise em Viena com a solução de sua dificuldade no bolso. Depois de ter falado com ele sobre isso por diversas vezes, ela lhe oferece, de presente pelo seu 75º aniversário, o que ela lhe permitiu encontrar: “*Dank an Freud*”⁴⁰

Freud está estupefato. Ela lhe dá a entender que a parte de si mesmo que está além dos limites do pensamento e do verbo, **parte feminina**, presença encoberta pelo véu, íntima que surge como resposta ao movimento de uma presença subitamente tornada presente por sua aparência.⁴¹ Ele deixa-se levar pela maravilha de sua descoberta que lhe dá acesso ao campo impensável da significância:

*“Não apreendi de saída tudo o que os senhores abordam... Não sou, apesar de tudo que os senhores possam dizer, um artista, eu jamais teria conseguido “produzir” os efeitos de luz e colorido, mas somente desenhar os contornos duros.”*⁴²

Freud está de tal forma voltado para a aparição súbita dessa parte dele nela, que ele esquece a importância de seu nome. Ela deve insistir que ele fique ao lado do seu. Coloquemos sob os projetores o que isso significa, além do sentido, como movimento pulsional.

É o surgimento de uma Cena, A cena do Outro, nodulação da pulsão escópica e da pulsão invocante onde o masculino e o feminino **se fazem ver e se fazem ouvir**⁴³ juntas e em separado para que ressoe o que se desenvolve na transferência já durante o inverno de 1912-13 em Viena:

“A vida humana □ lá sei eu, a Vida □ é uma obra poética. Sem que estejamos nós mesmos conscientes disso, nós a Vivemos dia após outro por fragmentos, mas é Ela, em sua intangível totalidade, que tece nossa vida, lhe compõe o poema. Estamos longe, bem longe da velha fraseologia “fazer de sua vida uma obra de arte” (desta contemplação de si cujo meio mais certo, na verdade o único, de curá-la é a psicanálise); não, não somos o autor dessa obra de arte que é a nossa vida”.

Em 1931, ela pode nomear de onde vem a vida. O que será que autoriza este novo passo?

⁴⁰ “Agradecimento a Freud”, Carta aberta a Freud.

⁴¹ Dar continuidade a esta presença exterior e a esta presença íntima, que Lacan qualifica “ex-tima” [*ex-time*], é prova do desaparecimento dos limites que separam o dentro e o fora. A pulsão invocante, nomeada por Lacan e desenvolvida por Didier-Weill, conduziria para lá, além da fantasia.

⁴² Carta de 10 de julho de 1931.

⁴³ Assim formulada, trata-se da invocação à qual Lou responde.

Uma relação mística com o Outro

Rainer morreu em 29 de dezembro de 1926. Em 20 de maio de 1927, ela fala com Freud sobre a experiência mística que se passou com ela. Como se soubesse das dificuldades de Freud com a benevolente *Necessidade*, que é para ele a Natureza, ela começa por lhe fazer “tocar” na natureza mística de sua relação a esse Outro que ela é para ela:

É “*como se ela (a natureza) me contasse, com suas árvores, seus prados, suas nuvens, o destino tão grandioso, tão simples, e sempre semelhante às estações ali passadas, e como se se medisse conforme àquilo que havia antes do humano em mim ... Agora, é quase como se Rainer estivesse aqui, sob minhas árvores, vivendo seu outono ... em um outro sentido “acabado” como aqueles que em linhas simples e essenciais, mas igualmente tão imutável, tão realmente “acabado” que é impossível levar para lá a menor mudança que seja, nem pela sua, nem pela minha subjetividade e, portanto, desta forma, completamente uma imagem do movimento íntimo ... Não, decisivamente isso é impossível de exprimir claramente.*”

O que a experiência do humano cuja presença é retirada lhe fez descobrir não somente que a vida e a morte não se opõem como também que há um além para o dualismo bem conhecido como pulsão de vida e pulsão de morte.

A presença de Rainer mesmo em sua ausência confirma isso e ela confia nessa inapreensível relação mística laica com o Outro.

Freud só retomará seus escritos seis meses depois. Presumimos que se curva diante dessa “*grande dama*”⁴⁴, animado por um movimento que a faz dançar ⁴⁵ tanto em presença como em ausência de palavras. Trata-se de uma descoberta para ele. Ele teria se recusado a dançar com outras, não com ela.

A dança com Lou

Mas então, ainda que Freud exulte⁴⁶ com o presente que ela lhe deu em seu aniversário de 75 anos, o que faz com que ele não a cite no trabalho que publica, no mesmo ano, sobre “a sexualidade feminina” e no ano seguinte “o feminino”?

Será um esquecimento? Será uma reserva para não ser levado a lançar um outro olhar sobre o que já havia avançado até então? Talvez. Mas permanecer nisso seria negar o sopro vital que, segundo ele mesmo⁴⁷, animou suas trocas durante vinte e quatro anos.

Nossa suposição é inacreditável.

O inventor da psicanálise⁴⁸ teria escolhido inconscientemente escutar ressoar “sua” música⁴⁹, a dele, no Outro, que ela era para ele, na medida em que uma presença (parte feminina) nela fazia advir a mesma presença nele. O que é impensável é que, ao mesmo tempo,

⁴⁴ Carta aberta a Freud, pp. 34-35.

⁴⁵ Assim como o movimento do dançarino é a resposta ao movimento que lhe transmitem, fora da palavra, as vibrações sonoras da música, o humano percebe no exterior radical um movimento que o põe em movimento, quer saiba ou não. A dança dá conta desse encontro entre exterior e interior

⁴⁶ Exultar por ter feito um salto em direção do exterior, como faz pensar a etimologia *exsultare* que vem de *saltare* que quer dizer “saltar”.

⁴⁷ Invocado no elogio fúnebre à Lou pela frase já citada: “*Manifestadamente, ela sabia onde procurar os verdadeiros valores da vida*”.

⁴⁸ Como Rainer, anteriormente, e, sem dúvida, por seu intermediário.

⁴⁹ A música, por meio do som, transmite um real impossível de se apreender pela significação das palavras, aquele da significância.

ele podia dar, pelo sentido das palavras, os limites oficiais da “sexualidade feminina” e do “feminino” à comunidade analítica instituída.

Nossa hipótese não exclui o movimento da significância, a transferência que visa a nodulá-la à fixidez da significação. É isso, a cena em que o ser falante se põe a dançar. É isso, a dança de Lou e com Lou.

Freud dançou com ela até o fim de suas falsas notas, encontrando-as certas nela □ e a psicanálise foi secreta e discretamente reinventada.

Mas há também Nietzsche e a questão de saber se a dança com Lou teria conseguido fazer seu destino pender para outra direção. Parece que ele não pôde dançar com ela, que ela não pôde dançar com ele. Será porque ela não conseguiu lhe fazer ouvir a “sua” música?

Apesar dos reiterados pedidos de Freud, o silêncio que Lou sempre manteve sobre o que ficou congelado em agosto de 1882 é brilhante, para ela, para Freud, para aquele que se deixa afetar pelo real ...

Será que a dança com Lou supunha no parceiro uma certa relação ao Outro real, aquele que, desprendido do simbólico e do imaginário, excede o sentido e que pode ser tanto a melhor como a pior das coisas? Freud terá sido este aí.

Antes de sua morte em Göttingen, em 5 de janeiro de 1937, um outro herético, guiado por um questionamento semelhante, surgiu na cena da comunidade analítica não distante de lá, em Marienbad, dia 31 de julho de 1936. Ele não sabia que não iria cessar de fazer as mesmas perguntas, articulando-as a partir da nodulação borromeana do real, do simbólico e do imaginário, não sabia que seria conduzido ao mesmo horizonte, o feminino. Ele se chamava Jacques Lacan.

Jean Chamoille

